

SANTOS

Após dois anos em regime de prisão domiciliar sem tornozeleira e tomar a quarta dose da vacina resolvemos viajar a uma praia para pisar novamente na areia, a mais perto da velha Franca do Imperador: Santos, a cidade do porto, da praia, do futebol de Pelé. A orla das praias foi se tornando uma grande muralha de prédios, com a sua linha quebrada por novos e altíssimos edifícios que me lembraram de quando, no tempo da ditadura militar, o prefeito nomeado do Rio de Janeiro Marcos Tamoio autorizou a quebra do gabarito nas praias cariocas por um grande edifício que ultrapassou em muito a altura dos existentes e passou a ser chamado pelo jornal satírico Pasquim de “Marcos Tramoio”. Esse, sem dúvida, deixou sucessores em quase todas as cidades brasileiras.

Manhãs com o pé na areia e água de coco. Às tardes, batendo pernas pela cidade e suas muitas atrações. O SESC da cidade ocupa quase todo um quarteirão defronte uma bela praça, é um equipamento de primeiro mundo, como será o de Franca projetado por arquiteto Shundi Iwamizu e Apiacás. A unidade de Santos foi inaugurada em 1986 com projeto dos arquitetos Marc Rubin e Alberto Botti. Foi desenvolvido a partir da concepção de duas massas arquitetônicas distintas distribuídas em 20 mil m²: o ginásio de esportes e o teatro. Com quase 40 anos de uso, continua em ótimo estado e muito frequentado pela população. Uma ótima exposição de fotografias do Sebastião Salgado sobre Serra Pelada estava em cartaz.

O artista Kobra grafitou enormes painéis na fachada do novo e sem graça Centro de Convenções da cidade, construído próximo ao porto e ao ponto de embarque da balsa para o Guarujá. Pertinho dali fica o deck dos pescadores, um belo equipamento para quem gosta de pescaria como o falecido Verzola. No campo da preservação, interessante foi o uso dado a dois antigos postos de salvamento dos bombeiros na orla, transformados em cinema de arte e na gibiteca da cidade. Ambos ficam próximos ao belo prédio modernista construído de frente para o oceano por Jurado Artacho (que tem uma história bem interessante, mas fica para outra oportunidade) onde uma amiga francana tem um apartamento.

Fiz algo que nunca dava certo fazer: conhecer o estádio da Vila Belmiro, onde a Prudentina tomou de 8 a 1 na era Pelé. Como não tinha muito tempo, deixei de visitar a Pinacoteca Benedito Calixto, uma beleza que sempre vale a pena. Em compensação, fui almoçar no Restaurante Almeida (uma espécie de Barão de lá), estabelecimento tradicional desde 1932, de onde fomos conhecer a nova sede do Gravurar, uma belíssima instalação comandada pela artista Márcia Santtos no bairro Vila Mathias.

Perto dali, fui ver uma obra de arquitetura brutalista toda em concreto armado que me encantou ao conhecê-la pelas revistas desde os bancos da faculdade: a escola técnica projetada por Décio Tozzi, que ganhou prêmio de arquitetura em 1968. Como sempre neste país, tomei um tapa na cara: está totalmente abandonada, um belíssimo equipamento público sem uso. Segundo o segurança do local, há um raio de esperança, disse que vai ser transformada em Escola de Governo da Câmara Municipal. Tomara que sim, inimaginável abandonar ou perder um prédio dessa qualidade. E la nave va.

Mauro Ferreira é arquiteto